

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	<p>A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-863-2 DOI 10.22533/at.ed.632192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

O primeiro eixo nos permite compreender as questões acerca do desenvolvimento humano desde a perspectiva da infância. Seja em espaços urbanos ou rurais, no campo ou na cidade, as crianças ganham centralidade nas análises desde seus saberes, redes, brincadeiras e subversões.

Das fricções entre o urbano e o rural que também colocam em tensão saberes técnicos e locais somos convidados a pensar abordagens sociológicas para os desastres ambientais que deem conta da complexidade em que se imbricam interesses econômicos, defesa do meio ambiente e a vida das populações atingidas pelos desastres.

O terceiro e último bloco de capítulos oportuniza tanto o acesso a temas atuais da sociologia como as migrações e os choques culturais decorrentes desses processos, quanto um apanhado metodológico que envolve diversos caminhos e técnicas de pesquisa, sejam elas centradas nos sujeitos ou nas estruturas e processos sociais de acumulação de poder e capital.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO URBANO E DO RURAL	
Gerson Luiz Buczenko	
Maria Arlete Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923121	
CAPÍTULO 2	12
TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS	
Kilsimara Nascimento Ribeiro	
Gyane Karol Santana Leal	
Rosaria Jordão Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.6321923122	
CAPÍTULO 3	23
SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS	
Giovana Glaucia Fernandes	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Rafael Delaguardia Felix	
Ricardo Lopes Correia	
DOI 10.22533/at.ed.6321923123	
CAPÍTULO 4	34
EPISTEMOLOGIAS DO SUL: INFÂNCIAS E CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SÃO PAULO EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA ARTEIRA	
Ellen Gonzaga Lima Souza	
Gabriela Tebet	
Antônio Paulino de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6321923124	
CAPÍTULO 5	43
O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO	
Zuleica Pretto	
DOI 10.22533/at.ed.6321923125	
CAPÍTULO 6	56
O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA MARAJOARA	
Simeir Santos Andrade	
Magali dos Reis	
Laura Maria Silva Araújo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6321923126	
CAPÍTULO 7	67
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SABER LOCAL NA GESTÃO DO DESASTRE DA REGIÃO SERRANA (RJ): UM ESTUDO DE CASO	
Maria Suellen Timoteo Correa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923127	

CAPÍTULO 8	79
REPARAÇÃO DE DANOS NO DESASTRE DO RIO DOCE, PARTICIPAÇÃO E ATORES SOCIAIS	
Aloisio Ruscheinsky Manoella Treis	
DOI 10.22533/at.ed.6321923128	
CAPÍTULO 9	92
A CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES NO COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Alessa Cristina Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6321923129	
CAPÍTULO 10	105
MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Pedro Francisco Marchioro Talita Cristine Rugeri Lorena del Pilar Pereda Cordova	
DOI 10.22533/at.ed.63219231210	
CAPÍTULO 11	118
ANÁLISE DE QUESTÕES DE SOCIOLOGIA DO ENEM (2015): REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS	
Ozaias Antônio Batista Maria Genilda Marques Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.63219231211	
CAPÍTULO 12	134
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES): PROSOPOGRAFIA E CONEXÕES POLÍTICO-FAMILIARES	
Mônica Helena Harrich Silva Goulart Ricardo Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63219231212	
CAPÍTULO 13	152
PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR	
Maria Joseane Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.63219231213	
CAPÍTULO 14	164
A CULTURA CONSERVADORA DE GUARAPUAVA, FRENTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TECNOLÓGICO	
Marco Aurélio Silva Antonio Costa Gomes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.63219231214	

CAPÍTULO 15	175
A SOCIEDADE DE MERCADO NO SÉCULO XXI E SEUS DESAFIOS: TRABALHO, PRODUTIVIDADE E DESEMPREGO	
Nelton Moreira Souza Eliete Barbosa de Brito Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63219231215	
CAPÍTULO 16	189
AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Ivaneide Nunes Paulino Grizente Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63219231216	
CAPÍTULO 17	196
AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Renato Ribeiro Daltro	
DOI 10.22533/at.ed.63219231217	
CAPÍTULO 18	201
PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves Fellipe Sá Brasileiro Daniella Alves de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.63219231218	
SOBRE A ORGANIZADORA	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS

Data de aceite: 22/11/2019

Giovana Glaucia Fernandes

Centro Universitário Saúde ABC - FMABC
Santo André - SP

Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta

Centro Universitário Saúde ABC - FMABC
Santo André - SP

Rafael Delaguardia Felix

Centro Universitário Saúde ABC - FMABC
Santo André - SP

Ricardo Lopes Correia

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: Este trabalho focaliza a expressão do brincar da criança como processo de dinâmicas e estruturas sociais globalizantes. Na Terapia Ocupacional é constante as produções em torno da infância atípica, preocupando-se com processos do desenvolvimento e adaptações sustentados em modelos médicos e psicológicos. O objetivo do estudo foi acompanhar o brincar de crianças em vulnerabilidade social em um contexto institucional, a fim de compreender suas redes sociais de suporte e as práticas assistenciais desenvolvidas por uma organização não governamental em Santo André-SP. Trata-se de uma pesquisa participante de caráter qualitativa. Para coleta de dados foram utilizados diários

de campo contendo as observações e trechos transcritos. Os resultados divididos em cenas basearam-se nas práticas disciplinares e de poder existentes no contexto institucional. Para sair desta lógica as crianças expressaram, por meio do brincar, suas redes sociais de suporte por meio de subversões das normas impostas. Baseando-se na teoria sociológica de que as crianças utilizam o brincar para se opor às normas institucionais (subversão) e esta atividade possui indícios das relações existentes, podemos afirmar que as redes sociais de suporte são vistas no cotidiano de crianças em situação de vulnerabilidade social. **PALAVRAS-CHAVE:** infância; rede social; vulnerabilidade social; ONG; relações pesquisador-sujeito.

SUBVERSION OF PLAY: DISPOSITIVE IN CHILDHOOD FACED INSTITUTIONAL REGULATIONS

ABSTRACT: The paper focuses on child's play expressions as dynamics process and social structures. In the occupational therapy are constant productions around of atypical childhood, worrying about development and adaptation processes based on medical and psychological models. This assignment has as objective follow the children's play in social vulnerability on institutional context, to

understand his social network of support and the practical assistance developed for a non-governmental organization in Santo André city. It's qualitative research. For the data collect was used field diary containing observations and transcribed passages. Search results were separated in scenes based in the disciplinary practices and power existing in the institutional context. To get out of this logic, the children expressed, by playing, his social networks of support through subversion of the rules imposed. Basing in sociology theoretical that children use the play to opposite the institutional rules (subversion) and this activity have evidence of relationships, we can claim that social networks of support are seen in the daily lives of children in situation of social vulnerability.

KEYWORDS: child; childhood; social network; social vulnerability; non-government organization; occupational therapy; relation subject-researcher.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho focaliza as expressões do brincar da criança como processos de dinâmicas e estruturas sociais globalizantes, e que por este caráter são tratadas por ambiguidades na perspectiva da legitimidade do brincar como direito e/ou como reprodução de lógicas disciplinares e dominantes, quando institucionalizadas.

Trata-se de uma pesquisa participante (pesquisa-ação), por tanto qualitativa, que situa e compreende a criança e sua atividade: o brincar pela Sociologia da Infância.

Na Terapia Ocupacional é constante as produções entorno da infância atípica (focada na patologia), demarcando suas preocupações sobre processos do desenvolvimento, crescimento e adaptações para uma infância típica, o que nos parece uma longa trajetória sustenta em modelos médicos e psicológicos.

Desde a década de 1990, conforme aponta Lopes (2006) a Terapia Ocupacional Social vem se dedicando aos estudos e acompanhamentos da infância sob lentes sociológicas e antropológicas que nos permitem compreender novas composições sobre este fenômeno e suas reverberações na realidade.

A produção da questão de pesquisa parte das inquietações em identificar e compreender de que modo a lógica institucional produz e reproduz mecanismos de promoção e/ou coerção do brincar. Tratando de forma ambivalente estes processos entre discursos e práticas, parece-nos que, a partir do campo investigado, uma instituição de acolhimento socioeducacional para crianças e adolescentes no município de Santo André, SP, havia normas que inibiam a expressão de protagonismo e singularidade das crianças, pois eram vistas como ameaças à lógica institucional, reproduzindo discursos e práticas hegemônicas da sociedade mais ampliada.

Colocamo-nos em um exercício de encontrar unidades de conteúdo e categorias que pudessem elevar da dimensão microssocial do cotidiano institucional, abstrações

e generalizações coerentes entre teoria e prática política à dimensões macrossociais.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo apresentar as categorias identificadas, a partir dessa observação sobre as experiências do brincar de crianças em uma instituição de acolhimento socioeducacional.

Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos (CONEP), sob o CAAE n. 56764116.2.0000.0082.

2 | A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E A ATIVIDADE DO BRINCAR

A Sociologia da Infância compreende a infância como produto e processo das sociabilidades em determinado tempo e espaço, tendo sua questão central a compreensão da criança como protagonista e ator social dos seus processos de constituição e modificações da realidade (DELGADO; MULLER, 2005).

Entre os séculos X e XI, início dos movimentos industriais e de acentuação do capitalismo, segundo Ariès (2015) não havia uma representação social sobre a infância, apenas um período de transição entre o nascimento e a vida adulta, sendo este último um período de representação marcado pela inserção no mundo do trabalho.

Delgado e Muller (2005) transformam a visão sociológica, compreendendo esta como uma produção social, sendo múltipla e pertencendo a uma rede complexa de interdependências. Desta forma estudos e políticas sobre a infância e também a juventude no Brasil são tardias aos processos de industrialização, como também corrobora Lopes (2006), em que este processo foi e é marcado por processos de violências e institucionalizações, que pouco modificou o lugar ocupado por estas populações.

A acentuação do capitalismo na sociedade moderna produz mudanças nas estruturas e representações da infância. O brincar e os brinquedos demonstram ser os marcadores destes processos e expressões de transformações e manutenções do ser criança e o período da infância (MEIRA, 2003).

A brincadeira se torna um meio de minimizar as consequências de seus próprios atos; ela é a entrada numa dada cultura, que existe num dado momento e numa dada conjuntura sócio histórica. A guerra e a violência são componentes da nossa cultura, da produção de um contexto de imensas vulnerabilidades, desta forma, a criança ao buscar recursos no ambiente se depara com atos violentos e que irão caracterizar sua brincadeira. (BROUGÈRE, 2010)

O contexto de vulnerabilidade social, segundo Castel (1997) são situações marginais que ocorrem devido a um duplo processo de rupturas: em relação ao trabalho e em relação a inserção relacional; todo indivíduo é situado socialmente a

partir desses dois eixos.

As experiências do brincar são as entradas e inserções da criança na cultura, por meio das brincadeiras e do brinquedo, expressam os modos de sociabilidade, suas transformações e condicionamentos, que Castel (1997) denominou de integração social.

O brincar da criança também é uma importante unidade de análise para verificar e compreender as estruturas e trajetórias de suas redes sociais de suporte. (Lemieux&Ouimet 2014 apud Correia; Akerman, 2015). Desta maneira, a Terapia Ocupacional Social inserida nas questões deste campo debruça-se sobre os modos de participação de indivíduos e coletivos em suas redes sociais de suporte e como estas são instrumentalizadas para gerar efeitos de coesão.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Instituição que serviu como campo de pesquisa é uma organização não governamental fundada em 2008, no qual após indignação de seus dirigentes com a exploração do trabalho infantil em faróis da cidade de Santo André, presta trabalhos assistenciais para reverter esta realidade na infância "*retirando as crianças da rua*" (Diário de campo pag. 9, 2016).

As problemáticas que estas crianças vivenciam segundo a presidente da ONG, são exploração do trabalho infantil, violência física e psicológica, negligência de cuidados e pobreza (Diário de campo pag. 10, 2016).

Após leitura e revisão dos Diários de Campo, compreendemos duas categorias de análise: Categoria 1 - *A expressão da cultura de classe e as práticas escolares como dispositivos repressivos* e Categoria 2 - *As representações entre nativos e estrangeiros na brincadeira*.

Estas categorias demonstraram representações expressas no brincar. Isso nos sugere um traço de análise sobre os de institucionalização, em que a Instituição Escola, ou seus equipamentos representantes como organizações do terceiro setor, parece ser o eixo que constitui tal evento.

Elegemos trechos dos Diários de Campo, sobre esta perspectiva e os organizamos em cenas, que terão a finalidade de trazer à luz situações ocorridas, em que a cultura do brincar expressou determinados mecanismos de repressão e sistemas sobre as brincadeiras; observamos brechas potentes para a manutenção da ludicidade e da cultura genuína do brincar após crianças expressarem dispositivos que tencionam o sistema institucional. Os nomes encontrados nos trechos descritos são fictícios, e escolhidos a partir das vivências no campo de atuação, onde o funk aparecia com frequência nas cenas subversivas.

Estes dispositivos, como tratados por Foucault (1984) *apud* CASTRO (2009)

são reações e arranjos de atitudes, saberes e práticas, nem sempre conscientes que reagem frente a mecanismos de violência, punição e repressão.

A partir das cenas que serão descritas, os dispositivos expressos nas atitudes do brincar constituem-se como "subversões legítimas" para desviar o sistema institucionalizador do brincar e essas podem produzir conteúdos necessários à própria lógica da instituição, entendendo-a como conteúdo próprio do brincar, assim como de outras e novas práticas escolares.

3.1 Categoria 1: A expressão da cultura de classe e as práticas escolares como dispositivos repressores

A cultura de classe é a expressão dos modos de produção e concentração do capital, sendo esta o motor da sociedade. Há duas posições fundamentais, os que trabalham e os que possuem os meios de produção. Nestas relações de produção capitalista existe a dominação dos que detêm o capital sobre os que trabalham e são explorados. Desta forma, são determinadas as classes sociais que cada um ocupa no sistema de produção (GUARESCHI, 2008).

3.1.1 Cena 1: O Bolsa Família

"Estávamos na sala de aula, que contém uma mesa grande no centro e uma lousa em uma das paredes; ao redor da mesa ficam os bancos onde as crianças se sentam. A atividade proposta pela "professora" foi de colorir um desenho com uso do giz de cera; as crianças não se mostraram empolgadas com a proposta. Em um determinado momento, a "professora" chamou a atenção de Ludmilla, 5 anos, que algumas vezes se dirigia para fora da sala, informando que de acordo com as regras ela receberia um aviso e se continuasse receberia uma suspensão da instituição, Ludmilla logo respondeu "não quero ir pra casa, senão vou perder o Bolsa Família" (Diário de campo 1, 2016).

Nesta cena o poder da instituição em deter o controle das crianças, no caso, repreender com um "aviso" o mau comportamento, homogeneizando as ações das mesmas e demarcando lugares e papéis sociais, expressa as questões do tecido social capitalista, registrados os meios de controle e dominação.

A instituição como produção de dominação, conforme descrito na cena 1, sendo a "suspensão" a prática punitiva. De acordo com Marx (1979) *apud* Silva (2005), na produção capitalista a divisão de trabalho na sociedade inclui divisões de classes, separando trabalho manual do trabalho intelectual, abstraindo cada vez mais a produção coletiva, resultando em uma questão individual. O professor assume um status quo, sendo um trabalhador e também um empregado responsável por reproduzir a sociedade, cujos produtos são seus alunos.

Desta maneira, vemos um aluno que não tem controle do que é passado pelo professor, visto que o conhecimento se detém ao poder destes, sendo assim os alunos tornam-se produtos do "conhecimento", os estudantes são simples "apêndices" de seus produtos, o "conhecimento" começa a controlar os produtores, reféns da lógica burguesa e da propriedade privada (SILVA, 2005).

Observamos que o brincar como atividade e fonte de produção de conhecimentos também expressa estes meios de dominação, e que por tanto, parece-nos que a escola a utiliza como instrumento de manobra para controlar e deter a própria produção de conhecimento na infância.

Segundo Sarmiento (1997) a infância é uma categoria paradoxal quando vista sobre a realidade dos adultos, espera-se a participação da criança na democracia e a garantia de seus direitos, no entanto, criam-se ao mesmo tempo regimes de controle e disciplina, que em tempo atual este paradoxo assenta-se nas instituições escolares.

3.1.2 Cena 2: Malandramente...

A proposta do "professor" era de colorir um desenho; durante a atividade as 4 meninas (Ludmilla, Anitta, Valesca, e Tati) subverteram a atividade através da brincadeira, quando uma delas começou a cantar baixo "vou desafiar você", as outras meninas levantaram e falaram "vamos dançar um funk". Cantaram várias músicas deste estilo musical e mostraram muita habilidade ao cantar e dançar (Diário de campo 2, 2016).

Entendendo subversão como insubordinação às leis ou as autoridades constituídas, transformação da ordem política social e econômica estabelecida FERREIRA (1999) temos no Diário de Campo pag. 2 um exemplo disso.

No Diário de Campo pag. 2 temos um exemplo de subversão como insubordinação às leis/autoridades constituídas.

Segundo Freire (1967) precisamos de uma educação que estimule o homem a pensar novas posturas frente a problemas de seu tempo e espaço; a pensar o "eu me maravilho" invés de "eu fabrico"; a ter a capacidade de se criar e se transformar em novas combinações, ou seja, subverter-se.

As subversões ocorrem por meio do brincar e este traz a tona elementos do cotidiano, fica evidente a existência das unidades sociais de suporte destas crianças, uma vez que identificamos a relação com o funk e com o local onde vivem.

A partir das redes sociais das crianças em suas práticas cotidianas podemos pensar as possibilidades de identificar a sua posição na sociedade, sua identidade social e compreender os mecanismos das complexas inter-relações existentes entre as organizações (FONTES; STELZIG 2004). Desta maneira, reconhecemos os

vínculos estabelecidos com a criança e da criança com essas unidades.

3.2 Categoria 2: As representações entre nativos e estrangeiros na brincadeira

Esta categoria tem por finalidade expor as relações existentes entre as crianças, pesquisadores e profissionais do serviço. Sendo estes profissionais os que operam a lógica institucional e os valores macrossociais.

Contudo nesta lógica de relações e padrões micro/macrossociais encontram-se na instituição os intercambistas, que são estudantes de outros países, onde participam de um projeto de intercâmbio, sendo responsáveis por coordenar algumas salas e desenvolver atividades em grupo.

3.2.1 Cena 1: “Tio” e “tia” e os professores

Fomos na sala das crianças de 5 a 8 anos, elas estavam brincando de passar por debaixo da mesa enquanto outras mexiam no cabelo da pesquisadora. A coordenadora veio até a sala e pediu silêncio, senão ninguém levaria brinquedo, pois as crianças estavam gritando enquanto brincavam. Foi quando Anitta propôs a brincadeira da "Vaca Amarela"; e todos ficaram em silêncio por alguns minutos (Diário de campo pag. 7, 2016).

A coordenadora nos apresentou exatamente como “professores”. No entanto, as crianças não nos chamavam de professores, e sim de “tio” e “tia”.

Compreendemos que possivelmente a nossa atitude durante as atividades de campo delinearão e valorizaram outras formas de relação, mais próximas do universo subentendido das crianças, durante o dia a dia institucional, deixando fluir as dinâmicas que as crianças expressavam, sem fazer uso dos mesmos mecanismos de controle já desempenhados pela instituição.

Na pesquisa etnográfica, segundo Corsaro (2005) o autor exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem, tornando-se “nativos”, ou seja, as crianças têm suas próprias culturas, portanto precisamos entrar na vida cotidiana das crianças sendo uma delas, não agir como adultos típicos e apropriando-se da cultura.

Os professores acabam por ser considerados a partir do que podem produzir, e pensando em como a categoria social, infância, é vista pela sociedade, podemos pensar que há uma relação hierarquizada nestes ambientes, uma vez que, segundo Almeida¹, ordem e disciplina estão inseridas no cotidiano escolar, e é por meio deles que as relações de poder se estabelecem. Desta forma, a instituição utiliza estratégias pedagógicas/didáticas/disciplinares/arquitetônicas para construir sujeitos similares.

Segundo Foucault (2000) a homogeneização facilita a ação dos professores no disciplinamento de fabricar tipo de homem necessário ao funcionamento da

sociedade industrial capitalista.

Conforme descrito na cena acima a brincadeira está situada por nós como tempo perdido. Isto é fruto de uma atividade oposto ao trabalho (produtividade), sendo assim, menos importante devido não ser vinculada ao mundo produtivo, o que não gera resultados, sendo utilizada em instituições como a ONG com espaço e tempo pré determinados chamados de "hora do recreio", já que sua função fica reduzida a proporcionar o relaxamento e a reposição de energias para o trabalho, este sim sério e importante (BORBA, 2007).

Compreendemos que através do brincar podemos alcançar o objetivo da instituição que é o aprendizado, pois é brincando que a criança se comunica, cria novos significados, novos papéis sociais, novas regras e relacionamento com outros sujeitos e objetos; estimula novas possibilidades de compreensão e ação. Fazendo, desta maneira, inapropriado a restrição do brincar a pequenos intervalos, pois uma parte de seus mundos e experiências revela-se nas ações e significados que constroem nas suas brincadeiras.

3.2.2 Cena 2: A família e a repressão dos gêneros no brincar

Durante uma conversa entre coordenadora e pesquisadores sobre casais, Beyonce, 9 anos entrou na conversa dizendo, "mulher tem que bater no homem"; a coordenadora discordou e disse, "ninguém tem que bater em ninguém". Então a menina relata "minha mãe me batia", isso acontecia quando "eu errava a receita do arroz, deixando queimar ou muito salgado". Perguntado se ela que cozinhava em casa, respondeu "sim", explicando a receita e quantidade correta dos ingredientes (Diário de campo pag. 3, 2016).

A cena nos leva a questionar de que modo as crianças assumem papéis ocupacionais na sociedade. Esses papéis já estavam presentes desde a antiguidade?

Através de um estudo realizado por Larricq, (1993) apud Zucchetti; Bergamaschi (2007) a partir dos sete anos, aparecem indícios de participação social por parte dos adultos em relação às crianças, principalmente das meninas com os afazeres domésticos, contudo, esse fazer está disposto a aprendizagem.

Compreende-se que a cultura possibilita entender que as crianças possuem e assumem novos papéis conforme a organização de seu tempo social e histórico.

A história do trabalho infantil articula o econômico com o político, ou seja, advém desde a idade média, sendo as crianças também utilizadas como mão de obra em fábricas na revolução industrial.

Ainda, observamos na análise da cena que culturalmente o gênero feminino está destinado aos afazeres domésticos, que segundo Preciado (2014) há de haver uma reformulação do contrato social heterocentrado para uma sociedade contrassexual;

onde existe uma distribuição de valores equivalentes e não de igualdade aos gêneros.

Desta forma, observamos os valores culturais de uma sociedade patriarcal, na qual a violência contra mulher perpassa todas as faces do contexto social que os indivíduos estão inseridos. A naturalização da mulher nas tarefas domésticas, mais severa ainda nas zonas periféricas, gera uma violência silenciosa que as acompanham em sua trajetória de vida. Mudar este modelo dos corpos nas oposições homem/mulher faz-se mais que necessário.

4 | CONCLUSÃO

Assim como o trabalho é a ocupação dos adultos e através dele que estes definem sua posição na sociedade, o mesmo ocorre com o brincar e as crianças, portanto, proporcionar momentos que possam emergir um brincar espontâneo faz-se necessário no cotidiano infantil, é assim que se garante integração, portanto, o caminho contrário à vulnerabilidade.

Compreendemos nesta pesquisa que o brincar dentro da lógica institucional possui discursos e práticas ambivalentes. Ele é cognitivamente compreendido como um direito, no entanto, é visto como subversão da ordem social. Quando visto sob outras lentes, como as sociológicas, o brincar é expressão de estruturas e dinâmicas de sociabilidade, é a expressão máxima das crianças.

Verificamos também que as redes sociais de suporte, expressas pelo brincar no contexto institucional, torna-se uma ferramenta importante de análise para estes marcadores da questão social. Sendo chave de leitura para que outras e novas compreensões, além das determinações psicobiológicas, possam ser atribuídas à infância.

Logo, baseando-se na teoria de que as crianças utilizam o brincar para se opor às normas institucionais (subversão) e esta atividade possui indícios das relações existentes, podemos afirmar que as redes sociais de suporte são vistas no cotidiano de crianças em situação de vulnerabilidade social.

A ação do brincar é modificador da realidade e uma atividade subversiva como identificada na instituição. Torna o ser criança ator social dos seus próprios processos de constituição e traz a tona questões sociais e culturais presentes em seus territórios, característicos de estudos da Sociologia da Infância e da Terapia Ocupacional Social.

Ao longo da pesquisa fomos compreendendo que o acesso à realidade e as problemáticas expressas pelas crianças deu-se a partir da metodologia específica utilizada no estudo, que nos revelou manifestações ocultas. Contudo, este campo exige um contato com o outro em permanente produção (o meio que o produz e é

produzido por ele).

Justificando as relações criadas entre pesquisadores e crianças, onde tivemos a oportunidade de acessar a história de cada uma, como se relacionam e identificar as subversões. Portanto, faz-se necessário incorporar duas dimensões: considerar a importância da ONG como espaço coletivo para a vivência e a produção de culturas da infância na contemporaneidade.

Para a Terapia Ocupacional, em especial aquela que se debruça sobre as questões do campo social, este estudo corroborou com a produção de evidências sobre trajetórias de crianças pobres, tendo como bases a Sociologia da Infância, e junto a isso, coloca enquanto problematização a urgência pela busca de novos desenhos e contornos para compreendermos este contexto além dos estudos da infância atípica.

REFERÊNCIAS

Ariès P. **História Social da Criança e da Família**. 2a ed. Rio de Janeiro: LTC; 2015.

Borba AM. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: Ministério da Educação (BR). Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Secretária de Educação Básica; 2007.

Brougère G. **Brinquedo e cultura**. 8a ed. São Paulo: Cortez; 2010.

Castel R. **A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a desfiliação**. Caderno CRH. 1997;(26/27):19-40. DOI: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664/12038>

Castro E. **Vocabulário de Foucault - um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2009.

Correia RL, Akerman M. **Desenvolvimento local participativo, rede social de suporte e ocupação humana**. Rev Ter Ocup. Univ São Paulo. 2015;26(1):159-65. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i1p159-165>

Corsaro WA. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educ. Soc. 2005;26(91):443-464. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200008>.

Delgado A, Muller F. **Sociologia da infância: pesquisa com crianças**. Educ. Soc. 2005;26(91):351-360.

Ferreira ABH. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.

Fontes BASM, Stelzig S. **Sobre trajetórias de sociabilidade: a idéia de relé social como mecanismo criador de novas redes sociais**. Política & Sociedade, 2004;3(5):57-77. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x> Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1978/1727>>. Acesso em 10 nov 2016.

Foucault M. **Microfísica do Poder**. 15a ed. Rio de Janeiro: Graal; 2000.

Freire P. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1967.

Guareschi P. **Sociologia Crítica: alternativas de mudança**. 61a ed. Porto Alegre: Mundo Jovem; 2008.

Lopes RE. **Terapia Ocupacional Social e a infância e a juventude pobres: Experiências do núcleo UFSCAR do projeto METUIA**. Cad. De Ter. Ocup. Da UFSCAR, 2006;14(1):5-14

Meira AM. **Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea**. Psicologia & Sociedade. 2003;15(2):74-87. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000200006>

Preciado B. **Manifesto contrassexual**. N-1edições. São Paulo. 2014.

Sarmiento MJ. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: Sarmiento MJ, Manuel P. As crianças: contextos e identidades. Minho: Universidade do Minho; 1997. p. 4-31

Silva JC. **Educação e alienação em Marx: contribuições teórico-metodológicas para pensar a história de educação**. Revista HISTEDBR, 2005;(19): 101-110. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v11i41e.8639901>

Zucchetti DT, Bergamaschi MA. **Construções Sociais da Infância e da Juventude**. Cadernos de Educação. 2007: 213-234. DOI [HTTP://DX.DOI.ORG./10.15210/CADUC.V0I28.1801](http://DX.DOI.ORG./10.15210/CADUC.V0I28.1801)

SOBRE A ORGANIZADORA

Maria Izabel Machado - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR). Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 24, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 183

Associativismo 67, 87, 90

B

Biografias 137, 149, 150

Brincar 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 60, 65

C

Candomblé 34, 37, 38, 39, 40, 41

Ciência e tecnologia 122, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 145, 147, 148, 150, 216

Conservadorismo 163, 173

Crianças ribeirinhas 12, 14, 16, 19, 56, 58, 59, 60, 61, 63

Cultura 2, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 94, 108, 111, 115, 124, 132, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 173, 197, 200, 217, 218

D

Desastres ambientais 79, 80

Desemprego 175, 176, 177, 180, 185, 186, 191

Desenvolvimento 11, 23, 24, 32, 44, 56, 63, 64, 70, 78, 88, 90, 110, 113, 119, 121, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 193, 200, 204, 205, 213, 214, 215

E

Enem 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133

Ensino de sociologia 118, 125, 132

Escrita 41, 56, 60, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 208

Espaço urbano 43, 44, 45

Estigma 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 169, 209

F

Familismo 166

G

Gênero 30, 38, 43, 106, 112, 113, 131, 133, 138, 152, 163, 185, 189, 194, 201, 202, 203, 205, 208, 215, 217, 218

Gestão de desastres 67, 76

H

Habitus 94, 95, 102, 200, 204

I

Infância 12, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 154, 199

M

Migrações 105

Mineradoras 80, 88

P

Poder público 13, 14, 20, 67, 70, 71, 75, 82, 90

Poesia 59, 152, 153, 162

Políticas públicas 11, 20, 63, 67, 79, 80, 90, 132, 133, 134, 135, 194

Precarização 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187

Privação de liberdade 92, 93, 94, 97, 102, 103

Prosopografia 134, 135, 137, 149

R

Racismo 34, 35, 36, 107, 113, 207, 208

Representações 1, 2, 3, 5, 10, 11, 25, 26, 29, 61, 125, 191

Ribeirinhos 13, 17, 21, 80, 89

Rural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 21, 139, 143, 166, 170

S

Saber local 67, 73, 75, 78, 91

Segregação 36, 218

Subversão 23, 28, 31

T

Terapia ocupacional 23, 24, 26, 31, 32, 33

Trabalho 1, 4, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 43, 44, 48, 54, 63, 67, 79, 81, 92, 93, 94, 102, 105, 107, 110, 114, 115, 120, 126, 130, 136, 153, 158, 159, 164, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 200, 201, 212, 213, 214, 218

Transporte escolar 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Transporte público 43, 52, 53

U

Urbano 1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 43, 44, 45, 52, 70, 78, 170, 171, 179

V

Vulnerabilidade social 23, 25, 31

